



## **Gênero Informativo no Jornalismo Impresso - O estado da arte no Brasil <sup>1</sup>**

Laura Conde Tresca<sup>2</sup>  
Universidade Metodista de São Paulo

### **Resumo**

Qual o estado da arte das reflexões sobre o gênero informativo no jornalismo impresso? Este trabalho toma como base os conceitos de Marques de Melo (2003) e analisa a produção bibliográfica e a “literatura cinzenta” brasileiras dos últimos cinco anos. Nota-se que, se houve progresso na discussão sobre a produção de informações, a recíproca não é verdadeira com relação aos formatos do gênero informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista.

### **Palavras-chave**

Jornalismo informativo; Gêneros; Tipologia e formatos

### **Jornalismo Informativo como Gênero: Quais os Avanços Acadêmicos?**

O jornalismo tem uma estrutura lingüística, mas é também uma construção histórica. Neste sentido, os processos regulares, contínuos e livres de informação e de opinião sobre a atualidade só se constituem com a ascensão da burguesia ao poder e a abolição da censura prévia (MARQUES MELO, 2003, p.22). Marques de Melo explica que, devido à censura posterior – por meio de taxas, impostos e controles fiscais - o jornalismo de opinião é, de certa forma, não incentivado e acaba estimulando o jornalismo de informação. Assim, a bipolarização entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo é construída historicamente, tendo o primeiro a sua expressão maior no jornalismo inglês e o segundo no jornalismo francês.

A despeito de todo debate em torno do mito da objetividade<sup>3</sup>, o gênero informativo persiste historicamente e lingüisticamente. Mas, no Brasil, qual o estado da arte das reflexões sobre o gênero informativo no jornalismo impresso? De acordo com Luna,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (2004) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2005). Email: lauratresca@uol.com.br.

<sup>3</sup> Chamo de mito da objetividade todas as reflexões que desmentem a imparcialidade das informações.



O objetivo deste tipo de trabalho é descrever o estado atual de uma dada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ ou metodológicos. Entre as muitas razões que tornam importantes estudos com esse objetivo, deve-se lembrar que eles constituem uma excelente fonte de atualização para pesquisadores fora da área na qual se realiza o estudo, na medida em que condensam os pontos importantes do problema em questão (1998, p.82-83).

Mas é necessário estabelecer um ponto de partida: as reflexões sobre o gênero informativo no jornalismo impresso avançaram em relação ao quê? Assim, o referencial inicial de comparação adotado foi o pensamento do Marques de Melo (2003), porque é o autor que - analisando as produções bibliográficas européias, norte-americanas, hispano-americanas e brasileiras sobre esse tema, ao longo do tempo - escreveu a obra mais consistente sobre os gêneros jornalísticos. Para este autor, o gênero informativo apresenta os seguintes formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MARQUES DE MELO, 2003, p.66)

Portanto, o critério de classificação adotado não é aspectos gráficos ou de redação. Os formatos diferenciam-se pela progressão dos acontecimentos, pelo acompanhamento da imprensa.

Além de estabelecer um ponto de partida, é necessário definir até onde retroceder no tempo. Luna (1998, p. 93) defende que, se a literatura for abundante, com publicações regulares, é possível que o material dos últimos 4 ou 5 anos seja suficiente. Então, a fim de identificar até onde o saber científico se diferencia do saber popular e técnico, o primeiro passo dado foi analisar um exemplo do senso comum por meio das definições do dicionário *Houaiss* e um exemplo das noções técnicas por meio dos conceitos do *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo*<sup>4</sup>. Posteriormente, foram analisadas a produção bibliográfica e a “literatura cinzenta”<sup>5</sup> brasileira recente.

---

<sup>4</sup> Mais ou outras fontes poderiam ter sido escolhidas, mas a intenção é apenas exemplificar como esses formatos são concebidos e não esgotar as abordagens do senso comum e técnicas.

<sup>5</sup> Expressão normalmente usada para se referir a obras acadêmicas não publicadas em livros, aos artigos publicados em revistas científicas e papers apresentados em eventos científicos.



## 1. Senso Comum e Técnico

### 1.1 O Dicionário Houaiss

No dicionário Houaiss<sup>6</sup> foram pesquisados os termos nota, notícia, reportagem e entrevista. Desta forma, foi possível observar que, no senso comum, os termos notícia e nota se confundem. Nota é definida como “notícia breve e concisa, que se destina à informação rápida”. Notícia tem uma longa relação de definições, mas uma delas é “nota, apontamento”. Outra definição interessante de notícia é “relato de fatos e acontecimentos, recentes ou atuais, ocorridos no país ou no mundo, veiculado em jornal, televisão, revista etc.” Aqui, o termo definidor é relato.

A reportagem, por outro lado, é um resultado da atividade jornalística, é uma função:

1. atividade jornalística que basicamente consiste em adquirir informações sobre determinado assunto ou acontecimento para transformá-las em noticiário
2. o resultado desse trabalho (escrito, filmado, televisionado), que é veiculado por órgãos da imprensa
3. função, serviço de repórter; a classe dos repórteres

Já a entrevista, pressupõe um encontro em sua definição:

2. (1856). vista, colóquio entre pessoas em local combinado, para obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões etc.
- 2.1. Rubrica: jornalismo.  
coleta de declarações tomadas por jornalista(s) para divulgação através dos meios de comunicação
- 2.2. Derivação: por metonímia.  
as declarações assim coligidas
3. (sXIX). encontro ajustado; visita

De maneira não-intencional, também é formulada uma proposta de classificação, baseada nas condições de coleta de informações: coletiva e exclusiva. A primeira é “agendada e concedida especialmente por figura pública ou personalidade de atual relevância social, política, econômica etc. a um grupo de jornalistas de diferentes órgãos de comunicação”. A segunda é “outorgada a uma única empresa jornalística”.

Tais definições estão muito longe da noção de “progressão de acontecimentos” de Marques de Melo (2003). Na entrevista, também não está colocada a noção de “relato privilegiado”.

---

<sup>6</sup> Pesquisa feita na versão online, disponível em: [www.uol.com.br/houaiss](http://www.uol.com.br/houaiss).



## 1.2 Novo Manual de Redação<sup>7</sup>

Antes de um produto histórico e uma estrutura lingüística, as notícias e idéias são mercadorias para a *Folha de S. Paulo*<sup>8</sup>, tal como expresso logo na apresentação: “A Folha considera notícias e idéias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico”. Portanto, trata-se de um negócio, mais do que um serviço público.

A nota é definida como “notícia curta”. Tal como no senso comum, não é possível definir nota sem o uso da noção de notícia. Denota elemento diferenciador em relação à notícia é a extensão do texto. A notícia é

Puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. Não use desses expedientes.

Interessante notar a preocupação com a ausência do elemento opinativo nas notícias.

Não há referências somente ao termo reportagem, apenas reportagem especial: “requer extenso e minucioso levantamento de informações. Pode aprofundar um fato recém-noticiado ou revelar um fato inédito com ampla documentação e riqueza de detalhes”.

Observa-se que entre nota e notícia a noção de “progressão de acontecimentos” de Marques de Melo (2003) não está presente. Diferente do que acontece com a idéia de reportagem especial, em que o aprofundamento dos fatos é elemento constitutivo.

A entrevista, por outro lado, não é referida pela noção de “relato privilegiado”: “a maioria das notícias publicadas no jornal tem entrevistas como matéria-prima, embora nem sempre pareça assim”. Diferente do senso-comum, outras classificações são propostas para a entrevista: exclusiva e pingue-pongue. O critério de nomeação, entretanto, não é o mesmo. A primeira é concessão a um só jornalista ou veículo de comunicação. A segunda é formato de publicação pergunta e resposta.

Esse manual pode pouco informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal. A noção de gênero é apenas intuitiva e a variedade abordada é pequena.

---

<sup>7</sup> Pesquisa feita na versão online, disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm)

<sup>8</sup> Adorno na década de 70 (COHN, 1971) ao criar o conceito de indústria cultural e depois Ciro Marcondes Filho (1986) no livro da década de 80 O capital da notícia apontam para essa característica da notícia, assumida no Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo em 1996. Por isso, é surpreendente que ainda haja discussão nos âmbitos acadêmicos tentando provar justamente isso.

## 2. A Produção Acadêmica

### 2.1 A Produção Bibliográfica

Chaparro é um dos principais pesquisadores que mantém os gêneros jornalísticos como objeto de estudos. No livro *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*, ele procura comparar os gêneros jornalísticos no Brasil e em Portugal. Os pressupostos de sua análise (CHAPARRO, 1998, p.76) são: o jornalismo enquanto linguagem de relato e análise da atualidade realiza-se por um conjunto de técnicas desenvolvidas na experiência do fazer; as espécies jornalísticas são reportagem, artigo/ entrevista, notícia, crônica e coluna; uma espécie pode prevalecer mais em algumas épocas e circunstâncias; e o discurso jornalístico não é autônomo. Para o autor, os gêneros são “formas discursivas da imprensa” (CHAPARRO, 1998, p.79).

Chaparro faz um diálogo direto com o trabalho de Marques de Melo, negando radicalmente o paradigma da divisão entre opinião e informação. Defende que esta é uma construção acadêmica e que as contradições afloram na leitura de jornais (CHAPARRO, 1998, p.115). Após uma longa dissertação sobre o mito da objetividade, adota, então, como referencial teórico a proposta do espanhol Martinez Albertos que, de acordo com Chaparro, “estabelece um nível interpretativo para o relato jornalístico, intermediário entre a informação e a opinião” (CHAPARRO, 1998, p.120):

TABELA 1  
Martinez Albertos

<b>Estilo</b>	<b>Atitude</b>	<b>Gêneros</b>	<b>Modalidades</b>	<b>Modo de escrita</b>
Informativo (1º nível)	informação relatar	1. Notícia 2. Reportagem objetiva	- reportagem de acontecimento - reportagem de ação - reportagem de citações - reportagem de seguimento	narração descrição (fatos)
Informativo (2º nível)	interpretação analisar	2. Reportagem interpretativa 3. Crônica		exposição (fatos e razões)
Editorializante	opinião persuadir	4. Artigo ou comentário	- editorial - suelto - coluna (artigo assinado) - crítica - tribuna livre (cartas)	argumentação (razões e idéias)

Fonte- CHAPARRO, 1998, p.120

Apesar de Martinez Albertos construir um referencial teórico totalmente diferente, o esquema proposto avança um pouco nas classificações dos formatos de reportagem. A reportagem de acontecimento “oferece uma visão estática dos fatos, como coisa já acabada” (CHAPARRO, 1998, p.120). A reportagem de ação trabalha com visão dinâmica dos fatos. A reportagem de citações privilegia as versões sobre os fatos. A reportagem de seguimento narra a continuidade de um acontecimento de um dia para o outro.

A partir do esquema de Martinez Albertos, Chaparro (1998, p.123) propõe uma classificação própria:

TABELA 2  
Chaparro

<b>Gênero Comentário</b>		<b>Gênero Relato</b>	
Espécies argumentativas	Espécies gráfico- artísticas	Espécies narrativas	Espécies práticas
artigo crônica cartas coluna	caricatura charge	reportagem notícia entrevista coluna	roteiros indicadores agendamentos prev. de tempo Orientações úteis cartas – consulta

Fonte- CHAPARRO, 1998, p.123

O comentário seria expresso principalmente pelo esquema argumentativo. Diferente do relato, que é expresso pelo esquema narrativo.

Apesar de tentar romper com a dicotomia informativo-opinativo, ao propor uma classificação alternativa, Chaparro de certa forma retoma os gêneros clássicos. Qual é a diferença substancial do conceito de gênero comentário e de gênero opinativo? Qual é a diferença substancial do conceito de gênero relato e gênero informativo? Não fica claro. Tampouco o autor avança para discutir os formatos de nota, notícia, reportagem e entrevista.

Apesar de não fazer uma reflexão ampla sobre os gêneros informativos, Medina é a autora que contribui para pensar os formatos de entrevista. Assim ela define (1986, p. 18) entrevista: “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular” - que de certa forma tem correspondência com a noção de “relato privilegiado” de Marques de Melo.

A autora enfatiza bastante o caráter dialógico da entrevista. Para propor um esquema de classificação, ela se baseia em Edgar Morin:

TABELA 3  
Medina

Edgar Morin		Cremilda Medina	
Espetacularização	Compreensão	Espetacularização	Compreensão
- entrevista- rito	- entrevista – diálogo	- perfil pitoresco	- conceitual
- entrevista anedótica	- neoconfissões	- perfil do inusitado	- entrevista/ enquete
		- perfil da condenação	- investigativa
		- perfil da ironia	- confrontação
			- perfil humanizado

Fonte – MEDINA,1986, p. 18

Assim, haveria duas grandes categorias de entrevistas: espetacularização e compreensão. Dentro da noção de espetacularização, há os sub-formatos: perfil do pitoresco, perfil do inusitado, perfil da condenação e perfil da ironia. Dentro da noção de compreensão, há os sub-formatos: conceitual, entrevista/enquete, investigativa, confrontação e perfil humanizado.

Nilson Lage (2001) contribui para esse debate propondo tipos de entrevistas, de acordo com as circunstâncias e objetivos:

Circunstâncias	Objetivos
ocasional	ritual
confronto	temática
coletiva	testemunhal
dialogal	em profundidade

Fonte- LAGE, 2001

Em relação à notícia, Medina (1988) afirma que difere da reportagem no tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar. Ela tem uma preocupação muito estilística, mas é importante essa noção de tempo que também está presente no pensamento de Marques de Melo: a progressão dos acontecimentos.

Gomis (1991) defende que as características próprias dos gêneros nascem de uma relação peculiar entre o conteúdo e a forma. Não é a proporção de informação ou comentário que serve como critério de classificação dos gêneros, mas a função que cumpre. Assim, propõe as seguintes categorias: notícia, “informaciones”, reportagem, entrevista e crônica.

Coimbra (2004) escreve um livro-manual, que procura privilegiar mais os procedimentos práticos do que o debate acadêmico. De qualquer forma, contribui com as classificações de reportagem, que faz a partir da estruturação do texto: reportagem dissertativa, reportagem narrativa (testemunha, protagonista, onisciente e dramático), reportagem narrativo-dissertativa/ dissertativa – narrativa e reportagem descritiva. As duas últimas categorias são para evidenciar que os limites tênues dos formatos propostos: é dissertativo, mas também pode ser narrativo ou é narrativo e contém descrição.

Grillo faz uma abordagem lingüística, baseando-se em Bakhtin. Parte do pressuposto que a notícia e a reportagem são “gêneros informativos por excelência” (GRILLO, 2004, p.20). Defende que os títulos são os principais responsáveis pelo caráter informativo desses gêneros e, conseqüentemente, a noção de realidade criada. Entretanto, não avança sobre os formatos desse gênero.

É muito significativo que, dentre as poucas novidades publicadas, há um livro de escritores norte-americanos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004)<sup>9</sup>. Eles não tratam diretamente dos gêneros, mas do jornalismo investigativo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.176-184), que estaria baseado na reportagem investigativa original, reportagem investigativa interpretativa e reportagem sobre as investigações.

Não foi localizado nenhum livro que trata do formato nota.

## **2.2 A Literatura Cinzenta**

A produção acadêmica dos últimos anos voltou-se bastante para a análise do discurso. São muito recorrentes trabalhos do tipo “como a mídia trata/ aborda tal questão”, principalmente na perspectiva da relação linguagem e ideologia. Outro tipo de trabalho bastante comum é aquele que discute as condições ou os meios de produção da notícia. Desta forma, se atém ao processo (coleta de informações, o trato com as fontes, organização das informações, relato, composição do jornal) e não aos gêneros. Portanto, são poucos os autores que trataram dos gêneros jornalísticos e menos ainda que trataram especificamente sobre os formatos do gênero informativo.

Em 2003, Kauffmann se propõe a colocar em primeiro plano de análise a descrição lingüística dos gêneros jornalísticos. Diz que procurou estudar justamente os

---

<sup>9</sup> O que nos remete, ainda, à influência intelectual norte-americana. Quem faz o prefácio do livro é Fernando Rodrigues que diz que “Virou costume neste início de século 21 reclamar dos EUA...”.





formatos que há maior dificuldade de reconhecimento, como a notícia e a reportagem (KAUFFMANN, 2005, p.40). Para tanto, na perspectiva dos estudos da comunicação, baseia-se principalmente nas obras de Chaparro e Marques de Melo. O autor não avança na proposição de formatos e acaba por apenas reforçar as constatações já feitas por Marques de Melo: “as dimensões resultantes reforçam a tese de Marques de Melo (...) de que existe nos gêneros uma cisão básica entre opinião e informação” (KAUFFMANN, 2005, p.40).

Lanza (2005) não trata especificamente dos formatos do gênero informativo, mas chama atenção para um aspecto importante, a folhetinização da notícia. Com isso, ela quer dizer que as notícias e reportagens continuam sendo notícias e reportagens, mas que agora comportam elementos literários. Ou seja, não constituem um gênero diferente.

Santos (2003) segue a tendência e também não trata especificamente dos formatos do gênero informativo. Entretanto, chama a atenção a noção de “foto como notícia”. Isso é importante, porque abre a possibilidade de definir notícia não só pelo texto, mas também pela imagem.

O autor que mais contribui com esta temática é Bonini (2003). A sua intenção foi fazer um inventário dos gêneros que circulam nos jornais. Para isso, fez toda uma revisão de como a noção de gênero tem sido tratada na literatura teórica e prática da área de comunicação. Toma como pressuposto que são “pouco conhecidos, em termos acadêmicos, os mecanismos lingüísticos/sociais que caracterizam estes gêneros textuais. (Mesmo a distinção entre notícia e reportagem não é clara)” (BONINI, 2003, p.205).

De acordo com o autor, no campo dos estudos de gênero, há três possibilidades de abordagens metodológicas já bem difundidas:

- a) a enunciativa – nesta abordagem, cujos representantes principais são Adam (1999), Bronckart (1997) e Maingueneau (1998), os estudos são conduzidos mediante a análise de episódios, tomados, simultaneamente, como matéria da análise (corpus) e como argumentos do que se está afirmando (amostras). A seleção das amostras segue o fio conceitual da discussão posta no campo dos estudos enunciativos;
- b) a de corpus – esta abordagem, mediante varredura computacional de um corpus, busca estabelecer correlações estatísticas entre as variáveis do gênero em estudo. O estudo mais representativo é o de Biber (1988);
- c) a etnográfica – nesta abordagem, busca-se descrever os gêneros como componentes de uma comunidade discursiva. Procura-se, desse modo, caracterizar, em correlação direta, o ambiente social e os gêneros que nele circulam (entendidos como habitus da comunidade). Recorre-se, neste caso, à análise comparativa dos exemplares de um gênero. Os principais representantes

desta abordagem são Swales (1990) e Bhatia (1993), sendo um dos trabalhos seminais o de Askehave e Swales (2001). (BONINI, 2003, p.206)

O autor relata que uma das dificuldades que teve foi estabelecer um determinado conceito inicial de gênero que lhe permitisse percorrer a produção bibliográfica existente:

Na literatura da área de comunicação, a noção de gênero não aparece de forma muito clara. Tanto são entendidos como gêneros os textos relacionados a uma prática discursiva (de ocorrência empírica, como a notícia e a reportagem) quanto os traços que representam categorias mais amplas e de caráter tipológico, determinados pelo filtro teórico do estudioso e não pela realização empírica, como é o caso dos gêneros diversionais, utilitários e formais que aparecem em Dias et al. (2001). Muitos dos gêneros específicos (que Dias et al. denominam formatos) também não são identificáveis como ocorrências empíricas de textos no jornal: história em quadrinhos (são vários gêneros, sendo que o que ocorre mais comumente no jornal é a tira); propaganda empresarial (também diz respeito a vários gêneros); história de interesse humano (é, provavelmente, um tipo de reportagem); e suíte (que corresponde a uma extensão do relato da notícia nas edições posteriores, não sendo um gênero, mas um mecanismo de textualização da notícia). (BONINI, 2003, p.207)

Então, propõe uma definição própria:

O gênero [...] pode ser visto como um conteúdo representacional dinâmico que corresponde a uma forma característica de um texto, entendido como enunciado pleno (texto-simples que tem um enunciador/locutor único ou texto-complexo com um enunciador/locutor principal) e como enunciado recorte (conjunto de textos de enunciadores/locutores individuais, integrados na forma de textoritual), se caracterizando pelas marcas estruturais texto-lingüísticas, de suporte, de circunstâncias enunciativas, funcionais em relação ao meio social (conteúdo, propósitos, etc.), funcionais em relação ao hipergênero (de abertura, de feedback, de encerramento, etc.). (BONINI, 2003, p.207)

O autor analisa os conceitos de Beltrão, Chaparro e Marques de Melo e avalia que há uma defasagem teórica quanto à discussão da noção de gênero:

Enquanto os autores em outros campos têm tratado o gênero textual como um fenômeno de linguagem socialmente constituído (ligado a atos enunciativos ou a ações de linguagem efetivos ou efetiváveis) e tentado construir modelos explicativos da ação dos sujeitos na linguagem; no campo da comunicação, os estudos ainda se inscrevem em uma perspectiva tipologizante. É difícil depreender, nesta literatura, o que é um gênero jornalístico, bem como quais são os gêneros que compõem o jornal.

Por fim, Bonini conclui que a noção de gênero é pouco precisa e que há grande divergência nos rótulos citados. Este autor também não avança nas tipologias. Inclusive é radicalmente crítico a esse tipo de abordagem.



## Considerações Finais

Marques de Melo defende que os gêneros jornalísticos sofrem influência direta da cultura em que se inserem, seja local ou em um tempo diferente. O jornalismo é um fenômeno cuja natureza é o efêmero, o provisório e o circunstancial. Isso “exige do cientista maior argúcia na observação e melhor interpretação metodológica para que não caia nas malhas do transitório” (MARQUES MELO, 2003, p.13).

Assim, se faz necessária uma atualização constante destes conceitos. Se houve progresso na discussão sobre a produção de informações, a recíproca não é verdadeira com relação aos formatos do gênero informativo: nota, notícia, reportagem e entrevista. Como foi debatido, há pouco avanço na classificações. Quando há, o critério é pouco consistente.

## Referências bibliográficas

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão-SC, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez., 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d´aquém e d´além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Satarem: Jortejo, 1998.

COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre a sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo especializado**. São Paulo: Atlas, 1981

FOLHA DE S. PAULO. **Novo Manual de Redação**. São Paulo, Folha, 1996

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo**: como se forma el presente. Barcelona, Paidós, 1991.

GRILLO, Sheila Vieira de Carmago. **A produção do real em gêneros do jornalismo impresso**. São Paulo: Humanitas, 2004.



HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

KAUFFMANN, Carlos Henrique. **O corpus do jornal**: variação lingüística, gêneros e dimensões da imprensa diária escrita. 2005. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2004

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Summus, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001

LANZA, S.M.. **O jornalismo contemporâneo**: paradigma recodificado. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. IN: **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** - jornalismo como produção social da segunda natureza. S. Paulo, Ática, 1986.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana industrial. São Paulo: Summus, 1988

REZENDE, Guilherme. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, J.V. **O processo de textualização do gênero notícia no jornal impresso, relações intersemióticas entre a linguagem visual da fotografia jornalística e a linguagem verbal da legenda**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]